

ETNOGRAFIA DO TAMBOR DE MINA NO CIBERESPAÇO: A socialidade eletiva como rede de apoio contra o racismo religioso¹

Arlindo Figueiredo do Rosário Júnior²
Universidade Federal do Pará - UFPA

RESUMO

Este resumo expandido apresenta resultados de uma pesquisa sobre a socialidade existente no cotidiano dos afro-religiosos de Belém do Pará e suas relações no ciberespaço. Utilizando a etnografia multissituada, o estudo pretende analisar as interações comunicacionais destes religiosos. Assim, o estudo demonstra que o ciberespaço se consolida como um território essencial para a resistência e reinvenção do Tambor de Mina, permitindo que essa tradição religiosa transcenda barreiras geográficas e sociais.

PALAVRAS-CHAVE: tambor de mina; socialidade; ciberespaço; reterritorialização.

1. Introdução

O estudo das práticas de socialidade nas redes sociais e plataformas digitais é essencial para entender como tradições religiosas se adaptam e se transformam no ambiente digital. O ciberespaço surge como um campo dinâmico de interação social, permitindo diálogos interculturais e a reconfiguração de práticas tradicionais.

Historicamente, os rituais, encontros, reuniões e outros eventos do Tambor de Mina se limitavam aos espaços de seus terreiros e ambientes considerados sagrados, dependendo de encontros presenciais para a transmissão de conhecimentos e fortalecimento comunitário. Com o avanço das tecnologias digitais, surgiram novas formas de interação, permitindo que os adeptos criem redes de apoio, compartilhem experiências e reforcem seus laços mesmo à distância. Este estudo analisa essas práticas tanto no espaço físico (terreiros e festividades) quanto no virtual (redes sociais, grupos de mensagens e plataformas de vídeo), investigando como o ciberespaço atua na resistência dessa tradição religiosa.

2. Metodologia

O caminho para se chegar aos resultados da pesquisa de forma sistemática foi pensado visando a realidade híbrida, que envolve o real e o virtual, o local e o global. A

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 18NO - Socialidades, Intersubjetividades e Sensibilidades, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação da Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Cultura e Comunicação - UFPA, email: ajuniordeode@yahoo.com.br

abordagem etnográfica multissituada (Marcus, 1995) se torna essencial para estudar conexões entre espaços físicos (terreiros, entidades e coletivos no Pará e Maranhão) e digitais (redes sociais globais e comunidades criadas em aplicativos de mensagens).

Geertz (1989) afirma que o ponto de vista autêntico se dá pelo olhar do nativo, sendo o etnógrafo um propagador das percepções do que os outros (os nativos) percebem. Sendo assim, utilizarei o “ponto de vista do nativo” que sou, como forma de estratégia para que a descrição densa tenha uma maior autenticidade (op. Cit.1989, p.89). Irei apresentar um recorte de um dos eventos que participei junto com os afro-religiosos sobre suas pautas e necessidades. Esta reunião retrata características das outras reuniões que também participei, podendo focar em padrões presentes em eventos afro-religiosos em Belém do Pará.

3. Fundamentação Teórica

A integração de práticas religiosas e culturais em plataformas digitais expõe as maneiras através das quais a tecnologia reconfigura o cotidiano das comunidades. A compreensão dessa dinâmica é fundamental para reconhecer como as tradições culturais, como o Tambor de Mina, adaptam-se ao ciberespaço e continuam a prosperar em ambientes virtuais.

Maffesoli (2010) ajuda a compreender como as interações sociais contemporâneas se reorganizam em torno de afetos, imaginários e identidades compartilhadas, fenômeno que ele denomina “socialidade eletiva”. Esse conceito desloca o foco das estruturas formais de sociabilidade, baseadas em contratos e instituições rígidas, para uma dinâmica mais fluida, marcada por “tribos emocionais”, nas quais os laços são tecidos por afinidades e experiências coletivas. Essa perspectiva ajuda a analisar se as práticas religiosas do Tambor de Mina se reconfiguram no ciberespaço e como isso pode ocorrer.

Lemos (2007) nos ajuda a compreender como as tecnologias móveis não fomentam novas “reterritorializações”, uma vez que comanda as dinâmicas de controle e acesso à informação. Em outra obra, Lemos (2023) argumenta que o ciberespaço não é meramente um espaço de comunicação, mas também um local de transformação cultural onde as identidades são constantemente negociadas e ressignificadas. Lemos (2023) destaca que as sociedades contemporâneas estão imersas na cultura digital, e esta influencia diretamente as formas de expressão cultural, incluindo práticas religiosas.

4. Principais resultados

A análise dos dados revela que o ciberespaço é fundamental na formação de redes de apoio entre adeptos do Tambor de Mina. Plataformas digitais, como grupos de WhatsApp, Facebook e Instagram são espaços importantes para conexão, compartilhamento de experiências e fortalecimento de laços comunitários (Lemos, 2023). Esses ambientes funcionam como extensões das interações presenciais, superando barreiras geográficas e facilitando diálogo e ativismo.

Os grupos de WhatsApp, em particular, mantêm a comunicação contínua entre os praticantes, servindo para troca de informações, organização de eventos e apoio emocional. O grupo "FOPAFRO", por exemplo, ilustra como essas plataformas reforçam o senso de pertencimento e identidade coletiva. Líderes religiosos, como Pai Denildo de Oxaguiã, utilizam redes sociais para ampliação das vozes que lutam contra todo tipo de racismo, sobretudo o racismo estrutural.

O ciberespaço também atua como mediador de conflitos, permitindo discussões seguras entre praticantes de diferentes terreiros e tradições. Essa função é essencial em um contexto marcado por diversidade de práticas religiosas. As plataformas digitais ampliam o alcance do Tambor de Mina, conectando comunidades diaspóricas e interessados além das regiões tradicionais de prática no Brasil. Essa expansão virtual contrasta com as limitações físicas do passado, abrindo novas possibilidades para a religião.

As redes digitais não só preservam tradições, mas também as adaptam e globalizam, demonstrando a capacidade das práticas culturais de se reinventarem frente às tecnologias. Esse fenômeno evidencia a natureza dinâmica e adaptável das religiões no mundo contemporâneo, o que pode causar conflito entre gerações na religião.

Maffesoli (1996) destaca que a pós-modernidade é marcada pela formação de "tribos" baseadas em identidades culturais ou afetivas, em vez de estruturas massificadas. Isso é perceptível quando afro-religiosos só incluem no grupo de whatsapp pessoa aceitas pela comunidade, excluindo, por exemplo, indivíduos que praticam racismo religioso.

Em uma das reuniões que participei pude observar a interatividade do POTMA³. Nesta reunião, intitulada "I Oficina de Formação para POTMA – Plenária Ampliada

³ Sigla que significa "Povo Tradicional de Matriz Africana", criada para denominar pessoas que participam de religiões afro brasileiras.

Quinta-feira”, aconteceu no dia nove de janeiro de 2025 e se fizeram presentes cerca de 25 pessoas entre babalorixás, yalorixás, filhos de santo, ativistas, e outros praticantes de diversas religiões afrobrasileiras situados em vários municípios do estado do Pará. Coordenada por Pai Denilson de Oxoguiã⁴, a reunião foi divulgada em vários grupos de whatsapp e tinha por objetivo ouvir e discutir as questões relacionadas às políticas públicas, lutas e conquistas dos povos de terreiro. Frases como “A luta do POTMA não pode esmorecer”, “Eu concordo com a Mãe de Santo”, “Ninguém vai resolver por nós, senão nós mesmo” Presentes no encontro revelam entre outras coisas uma interação de ideias uníssona que fortalece a necessidade de uma sociedade eletiva blindada de práticas criminosas racistas.

A reunião já se estendia por 43 minutos quando uma participante, cujo sotaque paulistano era marcante, autodenominando-se Mãe de Santo, solicitou a palavra. Ao se manifestar, agradeceu ao povo do Tambor de Mina, umbanda e candomblé pelas oferendas alimentares distribuídas no espaço público, em seguida declarou: "São comidas deliciosas que vocês não podem deixar de colocar nas ruas, pois eu adoro", seguindo-se uma risada alta e performática. O ambiente virtual foi então tomado por um silêncio constrangedor, quebrado pela interpelação de uma jovem (filha de santo), questionando a licitude do consumo de obrigações ritualísticas depositadas em encruzilhadas.

Enquanto um babalorixá presente no encontro iniciava uma explanação sobre os fundamentos cosmológicos que regem a ingestão de oferendas em vias públicas, a conta da suposta mãe de santo passou a compartilhar material pornográfico, ato que desvelou, de forma inconteste, sua intenção disruptiva e a natureza profanatória de sua participação. Nenhum dos presentes sabia excluir o perfil da pessoa que protagonizou o ato criminoso, sendo os participantes compelidos a encerrar a sessão no Google Meet e reiniciar a discussão em uma nova sala virtual. Em um outro momento, ao nos encontrarmos fisicamente, Pai Denilson de Oxoguiã informou que ao adicionar a suposta mãe de santo na sala de reunião, percebeu que seu DDD era de São Paulo, mas não quis indagar a participante, por ser uma reunião aberta a todos que se identificasse com a causa do POTMA.

⁴ Coordenador do “Movimento Atitude Afro” e Gerente de Promoção da Igualdade Racial na Secretaria de Estado de Direitos Humanos do Pará. Um dos meus interlocutores na pesquisa em andamento.

Ao analisar a religião e pensar a “lógica de rede”, Maffesoli (2010, p. 48) explica que as pessoas escolhem, voluntariamente, os grupos aos quais querem pertencer, seguindo uma lógica de atração e repulsão. Ele chama isso de “sociabilidade eletiva”, ou seja, uma forma de interação baseada na afinidade. Assim como nos terreiros afrobrasileiros, onde os indivíduos se identificam com lutas e pautas de discussões, e se conectam por meio de reuniões e práticas coletivas, essa sociabilidade permite que cada um encontre seu espaço em meio às redes sociais e culturais. Apesar de nem sempre serem aceitos amplamente, elementos estéticos e comportamentais desses grupos acabam influenciando a vida cotidiana, deixando marcas na cultura ao longo do tempo.

Nesse sentido, o ciberespaço emerge como um território de (re)existência (Mendonça & Simonian, 2021), no qual praticantes geograficamente dispersos negociam identidades, compartilham narrativas de dor e resistência, e perpetuam rituais e saberes tradicionalmente marginalizados no espaço físico. Essa socialidade eletiva (Maffesoli, 2010) reflete a busca por pertencimento afetivo-ritual, elemento central nas religiões de matriz africana, historicamente constituídas como comunidades de contrafluxo. Plataformas digitais operam, assim, como cyberterreiros (Freitas, 2010), espaços onde transmissões ao vivo de rituais, debates teológicos sobre orixás e voduns, e até mesmo a circulação de fundamentos secretos sobre o sagrados reforçam a coesão identitária e a resiliência comunitária em face à uma diáspora digital.

A presença de uma suposta mãe de santo com sotaque paulistano e sua conta acusava o DDD de São Paulo, demonstra uma desterritorialização (Deleuze & Guattari, 1980), que automaticamente culmina no processos de reterritorialização (Lemos, 2007). A internet é um espaço onde as conexões acontecem sem limites físicos, mas mesmo assim criam-se novos "territórios" virtuais que também podem ser invadidos para fins criminosos. As redes sociais e outras plataformas digitais quebram barreiras de tempo, distância, e até mesmo posturas éticas criando novas formas de interação e poder, inclusive no campo religioso.

5. Considerações finais

O estudo demonstra que o ciberespaço se consolida como um território essencial para a resistência e reinvenção do Tambor de Mina, permitindo que essa tradição religiosa transcenda barreiras geográficas e sociais. Através de plataformas digitais como WhatsApp, Instagram e YouTube, os adeptos constroem redes de apoio, compartilham

saberes e fortalecem laços comunitários, transformando o ambiente virtual em uma extensão dos terreiros. A atuação de líderes como Pai Denilso de Oxaguiã evidencia o papel das redes sociais na disseminação de ensinamentos e na mobilização coletiva, reforçando a coesão identitária em meio a um contexto histórico de marginalização.

A análise revela ainda que o ciberespaço opera como um ambiente de mediação, onde conflitos são negociados e diferenças ritualísticas são harmonizadas, garantindo a unidade da comunidade. A digitalização amplia o alcance do Tambor de Mina, conectando diásporas e interessados globalmente, algo impensável no passado. Essa adaptação não dilui a tradição, mas a ressignifica, alinhando-a às dinâmicas da pós-modernidade (Maffesoli, 2010), onde "tribos virtuais" se formam a partir de afetos e resistências compartilhadas.

Assim, o ciberespaço emerge não como substituto, mas como complemento vital aos espaços físicos do Tambor de Mina, garantindo sua continuidade e relevância no século XXI. A pesquisa reforça a capacidade das religiões de matriz africana de se reinventarem tecnologicamente, mantendo viva sua ancestralidade em um mundo cada vez mais digital.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE, G., GUATTARI, F., Mille Plateaux. **Capitalisme et Schizophrénie**. Paris, Les Editions de Minuit, 1980.
- FREITAS, Ricardo Oliveira de. **Religiões afro-derivadas na web: cyberterreiros e afrodíspora global**. RECIIS, Rio de Janeiro, v. 4, n. 3, p. 70-80, set. 2010. Disponível em: <<https://brapci.inf.br/#/v/133691>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2024.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1973.
- LE MOS, André. **Ciberespaço e tecnologias móveis: processos de territorialização e desterritorialização na cibercultura**. Imagem, visibilidade e cultura midiática. Livro da XV COMPÓS. Porto Alegre: Sulina, p. 277-293, 2007.
- LE MOS, André. **Cibercultura: Tecnologia e Vida Social na Cultura Contemporânea**. São Paulo: Annablume, 2023.
- MAFFESOLI, M. **No fundo das aparências**. Petrópolis, RJ: Vozes. 1996.
- MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2010.
- MARCUS, George. **Ethnography in/of the World System: the emergence of multi-sited ethnography**. In: Annual Review of Anthropology, v. 24, Palo Alto, California, p. 95-117. (1995).
- MENDONÇA, Ygor de Siqueira Mendes; SIMONIAN, Ligia Terezinha Lopes. **O Direito à consulta prévia e à participação no estado do Pará: “Não, não, não, não é a mesma coisa não”**. ContraCorrente: Revista do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, n. 15, p. 133-151, 2021.